

# REFLEXOS PERDIDOS: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES TURCO-AMERICANAS POR MEIO DA FILATELIA

*José Otávio Aguiar  
Matheus Henrique da Silva Alcântara*

1. Professor doutor na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), lecionando na graduação e na pós-graduação em História da UFCG. E-mail: otavio.j.aguiar@gmail.com
2. Estudante do curso de licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, e integrante do Programa de Educação Tutorial (PET) – História, como bolsista. E-mail: henriqueminerao2015@gmail.com.

## RESUMO

O presente estudo possui como proposta de discussão a representação das relações turco-americanas na filatelia, abordando na pesquisa questões sobre o começo do relacionamento entre os Estados Unidos e a República Turca, no campo diplomático. Teve como foco de análise o período que antecede a queda do Império Otomano até os anos de 1940, quando a Guerra Fria (1947-1991) começa a se delinear no horizonte, e a Turquia se alia definitivamente ao bloco capitalista. Para o desenvolvimento deste artigo, tornou-se necessária uma compreensão mais profunda do jogo diplomático do século XX, principalmente sobre os interesses das grandes nações acerca do Oriente Médio, tendo como referência bibliográfica os estudos e relatos de Henry Morgenthau, Alan Palmer, Waldeir Eustáquio dos Santos, entre outros.

**Palavras-Chave:** Estados Unidos; Turquia; Selos.

## ABSTRACT

The present study has as a discussion proposal the representation of Turkish-American relations in philately, addressing in the research questions about the beginning of the relationship between the United States and the Turkish Republic, in the diplomatic field. Focusing on analysis, the period before the fall of the Ottoman Empire until the 1940s, when the Cold War (1947-1991) began to loom on the horizon, and Turkey definitely allied itself with the capitalist bloc. For the development of this article, a deeper understanding of the diplomatic game of the twentieth century became necessary, especially about the interests of the great nations about the Middle East, having as reference the studies and reports of Henry Morgenthau, Alan Palmer, Waldeir Eustáquio dos Santos, among others.

**Keywords:** United States; Turkey; Stamps.

## 1. INTRODUÇÃO

Na atualidade vem crescendo no Brasil o interesse por estudos envolvendo o Oriente Médio, especialmente com relação a Turquia, após a publicação do livro de Monique Sochaczewski, “Do Rio de Janeiro a Istambul: contrastes e conexões entre o Brasil e o Império Otomano 1850-1919” (Brasília, FUNAG, 2017), que apresenta um passado conectado entre os impérios periféricos. Devendo-se igualmente aos recentes eventos ocorridos na região, como a Primavera Árabe (iniciada em 18 de dezembro de 2010), e Guerra da Síria (15 de março 2011) que perdura até os dias de hoje. Traz à tona questões como: Qual o papel da Turquia no Oriente Médio? Qual a natureza das relações entre este país e as grandes potências, como os Estados Unidos? País este ao qual a Turquia foi aliada durante o período da Guerra Fria (1947-1991), participando ativamente, segundo Santos (2013), da “estratégia de contenção” ao comunismo. Mas para compreendermos essas questões temos que retornar ainda no período do Império Otomano, e analisarmos a “Questão Oriental”, onde as grandes potências procuravam impor seus interesses através do poder econômico.

O objetivo essencial desta pesquisa é estudar como se iniciaram as relações entre os Estados Unidos da América e a República da Turquia (pós-guerra da independência), que colocou fim ao império em 1922, e proclamou a república em 1923. Utilizando-se dos selos comemorativos turcos sobre o aniversário da Independência Americana como instrumento que possibilitará compreender a tentativa de aproximação das relações diplomáticas entre os dois países. A Turquia foi um estado que surgiu das “cinzas” do Império Otomano, que havia participado na Primeira Guerra Mundial ao lado dos “Impérios Centrais” (Império Alemão e Império Austro-Húngaro), ou seja, a reputação internacional turca estava alicerçada no seu passado de “barbárie oriental”. Enquanto os Estados Unidos foram combatentes ao lado da Trílice Entente (Reino Unido, França, Rússia), sendo transformados em grande potência militar, econômica e industrial no pós-guerra.

A aproximação entre esses dois países pode ser explicada pelo turbulento período pelo qual passava a Turquia no pós-guerra, tendo que construir um sentimento de identidade nacional para formar um estado, longe do passado otomano, teve que procurar alianças. E os Estados Unidos se apresentaram como este possível “amigo”, não através de uma ligação identitária, mas por aspectos ideológicos, como defesa e desenvolvimento. Tendo como resultado uma relação embora conflituosa às vezes, mas que levou a Turquia a se estabelecer como um baluarte dos interesses americanos, e anti-comunistas, durante todo o século XX.

## 2. OS AMERICANOS NO IMPÉRIO OTOMANO

As relações entre os americanos e turcos sempre foram problemáticas do ponto de vista de alinhamento de interesses. Ainda no Império Otomano, quando se iniciaram as relações entre os dois países, os Estados Unidos tinham objetivo aproveitar economicamente da situação de abertura das terras otomanas ao capital externo, promovida pelas reformas do Tanzimat. Sendo complementada com o “dever” de resguardar os interesses de americanos atuantes ou residentes no império, devido às missões humanitárias e de evangelização (MORGENTHAU, 2010). Em paralelo a isso havia também militares norte-americanos que migraram para o império, pós Guerra Civil Americana (1861-1865), para atuarem como instrutores na modernização do exército otomano. Segundo Lewis (2004, p. 75):

Após o fim da Guerra Civil, alguns oficiais norte-americanos desempregados conseguiram até mesmo fazer carreira a serviço dos governantes muçulmanos, ajudando-os a modernizar seus exércitos. Missionários norte-americanos, embora proibidos de fazer proselitismo religioso entre os muçulmanos, foram capazes de transformar alguns cristãos ortodoxos em presbiterianos e, mais importante, de oferecer uma moderna educação secundarista e universitária a quantidades crescentes de rapazes e, posteriormente, de moças – primeiro das minorias e, por fim, de muçulmanos.

Enquanto que a Sublime Porta (designação do Império Otomano no século XIX) procura se modernizar e acompanhar o desenvolvimento da Europa, nos aspectos econômicos, militares e estruturais, tendo recorrido a diversos países (França, Inglaterra, e Alemanha) para atingir esses objetivos, (PALMER, 2013); um dos embaixadores americanos deixou um relato satisfatoriamente elucidativo sobre os interesses, tanto americanos quanto otomanos, no que diz respeito ao estabelecimento de relações entre os dois países. Foi o embaixador americano Henry Morgenthau (1856-1946), que atuou em Constantinopla entre 1913 e 1916, emigrante de origem judaico-alemã foi naturalizado americano, formou-se advogado passando a atuar na cidade de Nova York. Na campanha presidencial de 1912 foi bastante ativo na política do Partido Democrata que elegeu Woodrow Wilson (1856-1924) presidente, isso permitiu a Morgenthau galgar degraus na diplomacia americana, sendo indicado como embaixador já em 1913. Em sua atuação junto a Sublime Porta, conseguiu estabelecer uma relação pessoal com os líderes dos Jovens Turcos (grupo político que tinham o objetivo de renovar a administração otomana, era liderado por Djemal, Enver e Talaat), particularmente com o Ministro do Interior, Mehmet Talaat. Segundo as palavras do embaixador os Jovens Turcos estavam em posse de um “império esgotado”:

No geral, eles não tinham experiência na gestão de um império. Suas finanças estavam esgotadas; o exército e a marinha, quase em frangalhos; os inimigos constantemente tentavam solapá-los em seu próprio território e as grandes potências os consideravam aventureiros pobres cuja carreira estava destinada a ser breve. Sem o forte apoio de uma fonte externa, a questão era quanto o novo regime poderia sobreviver. Tallat e sua Comissão precisavam que alguma potência estrangeira organizasse o exército e a marinha, financiasse a nação, os ajudasse a reconstruir o sistema industrial e os protegesse das intromissões das nações vizinhas. (MORGENTHAU, 2010, p. 31).

O embaixador Morgenthau formulou perfeitamente a situação política, econômica, e militar a qual do Império Otomano estava sujeito após um século de retração territorial, onde a magnificência do sultanato não pode esconder sua inabilidade em promover reformas, capazes de estruturar novas bases para a manutenção do império. A ascensão dos Jovens Turcos é compreendida como um evento passageiro, um passo a mais em direção ao esfacelamento territorial, pelas grandes potências. Então, Tallat e sua “Comissão” deveriam buscar o apoio de uma potência que lhe permitisse desenvolver-se industrialmente, bem como equipar e organizar suas Forças Armadas, ou seja, financiar sua soberania. A primeira vista, os Estados Unidos pareciam “um país idealista e altruísta”, uma opção frente às potências centrais, segundo o embaixador os “nossos interesses na Turquia eram pequenos”:

Ao descrever as relações entre as grandes potências e a Turquia, não mencionei os Estados Unidos. Na verdade, não tínhamos relações comerciais importantes naquela época. Os turcos nos consideravam um país idealista e altruísta, e o fato de termos gastado milhões construindo maravilhosas instituições educacionais em seu país por motivos puramente filantrópicos os deixava atônitos e possivelmente admirados. Eles gostavam dos americanos e nos consideravam praticamente seus únicos amigos desinteressados entre as nações. Todavia, nossos interesses na Turquia eram pequenos; os negócios da *Standar Oil Company* estavam crescendo, a *Singer Company* vendia máquinas de costura aos armênios e gregos; comprávamos uma quantidade razoável de tabaco, figos e tapetes e adquiríamos a raiz do alcaçuz. Além dessas atividades, missionários e especialistas em educação formavam nossos únicos contatos com o Império Turco. Os turcos sabiam que não desejávamos desmembrar seu país ou nos intrometer na política dos Bálcãs. (MORGENTHAU, 2010, p. 37-38).

Fazendo uma análise do comentário do embaixador, que os interesses americanos transcendiam a palavra “pequenos”, pois a *Singer Company* era uma das maiores fabricantes americanas de máquinas de costura que adentrava no mercado otomano, para concorrer com marcas inglesas e francesas, e a presença de uma empresa de exploração de petróleo nas terras otomanas, demonstra a vontade dos empresários americanos de explorarem este recurso mineral, que se tornava cada vez mais necessário para a indústria dos transportes.

Contudo, o alinhamento político-econômico se deu com o Império Alemão, que havia cultivado durante muitas décadas uma boa relação junto a Sublime Porta, pois foi à única grande potência europeia que não havia se apropriado de territórios otomanos (MORGENTHAU, 2010). Além de contar com um hábil diplomata, o embaixador Hans Freiherr von Wangenheim, que soube conciliar os interesses expansionistas alemães com militarismo-desenvolvimentista otomano. Esse alinhamento voltado para a satisfação dos interesses nacionalistas dos dois impérios levou ambos a adentrar em um dos conflitos mais sangrentos da história humana, a I Primeira Guerra Mundial.

### **3. PÓS-GUERRA E A FORMAÇÃO DA REPÚBLICA TURCA**

Durante a I Guerra Mundial o Império Otomano obteve um sopro de vitalidade quando derrotou as forças britânicas, neozelandesas e australianas (ANZACs) na Batalha de Galípoli (abr./1915-jan./1916), marcando sua primeira vitória, e talvez única. Com o desenvolvimento do conflito, o nacionalismo turco-otomano elege um inimigo interno, os armênios. Este povo que há séculos integrava o mosaico otomano é segregado e assassinado brutalmente aos milhares, constituindo um dos maiores genocídios do século XX, onde aproximadamente um milhão e meio de pessoas foram mortas em deslocamentos forçados, maus-tratos, fome, expulsões e fuzilamentos. Genocídio este relatado pelo embaixador Morgenthau em seu livro, no qual ele relata ao Departamento de Estado Americano, “alertando que uma campanha de extermínio de uma raça está em andamento” (MORGENTHAU, 2010, p. 8). Em paralelo a isso ocorre a Revolta Árabe (1916) que desestabiliza o fraco império, que agora passa a lutar em duas frentes (no norte com os russos e no sul com os árabes), as forças despreparadas e mal equipadas dos otomanos são facilmente vencidas, permitindo o avanço inimigo. No dia 7 de outubro 1918 os Jovens Turcos são derrubados do poder, o sucessor Izzet-Pacha assinou o Armistício de Mudros, em 30 de outubro cessando hostilidades e desarmando as forças militares otomanas.

Acordos secretos entre as potências imperialistas da época foram assinados procurando dividir os despojos do moribundo império, um exemplo disso são os Acordos de Sykes-Picot em 9 de março de 1916, que resultaram na divisão do Império Otomano em zonas de influência das grandes potências vencedoras (Inglaterra, França e Itália). Os acordos secretos, juntamente ao Tratado de Sevres (10 de agosto de 1920) que praticamente desmembrava o território turco, proporcionou a criação do sentimento de revolta, sob a liderança do herói de guerra, Mustafá Kemal que proclama a República Turca em abril de 1920, tendo como capital a cidade de Ancara, empreendendo uma luta contra as forças leais ao imperialismo. Somente de julho de 1923, com a assinatura do Tratado de Lousane, o

estado independente turco é reconhecido internacionalmente, e Mustafá Kemal recebe o título de Ataturk (Pai dos Turcos).

No pós-guerra a situação do nascente país é incerta, conflitos sobre limites territoriais surgem em todo o país, somado ao agravamento de uma crise econômica e social interna, além de não contar com o apoio de potências estrangeiras para sua reestruturação. A presença dos Estados Unidos, que inicialmente pretendeu se afastar das questões envolvendo o Oriente Médio (BECKER, 2011) durante os debates do Tratado de Versalhes, especialmente após a saída do presidente Woodrow Wilson com o fim do seu mandato. Embora a posição do país tenha sido de repreensão aos países europeus, que procuravam humilhar seus inimigos através dos acordos de paz, principalmente através da tomada de posse de territórios coloniais, no caso alemão, semelhante ao caso otomano com os territórios do Oriente Médio.

O então presidente da nova República turca, Mustafá Kemal, passa a empreender um amplo pacote de medidas que visam a transformação radical da sociedade turca, entre elas está a abolição do califado otomano, a proclamação de um estado laico, a adoção do calendário gregoriano, modificação do alfabeto (antes baseado na escrita árabe passa agora a utilizar os caracteres latinos), bem como a instituição de um código civil e penal leigo, em oposição a Sharia (conjuntos de leis baseadas na religião muçulmana). Essas medidas, de cunho ocidentalizante procurava aproximar o recém-nascido país das grandes potências surgidas após o final da guerra, principalmente os Estados Unidos, que saiu do conflito fortalecido economicamente e militarmente.

A questão com a Grécia começa ainda em 1920 quando os gregos se aproveitam da derrota otomana na guerra, invadindo e ocupando as cidades de Usak, Edirne e Bursa. Após o processo de expulsão das potências imperialistas, Mustafá Kemal enfrenta os gregos na Anatólia pela retomada dos territórios anexados. Essa disputa culminara na troca de populações entre os dois países, iniciada ainda maio de 1923, onde gregos ortodoxos residentes na Turquia seriam alocados na Grécia, enquanto os turcos muçulmanos residentes na Grécia deveriam ser realocados na Turquia. O que produziu um verdadeiro êxodo de aproximadamente um milhão de pessoas. Acordos posteriores procuraram sanar os problemas advindos dessa disputa, como os Tratados de Ancara em 1925 e de Atenas em 1926 (SANTOS, 2013).

O distanciamento dos Estados Unidos da política externa do Oriente Médio deve em parte ao projeto político do sucessor do presidente Wilson, Warren G. Harding, que se elegeu sobre uma plataforma de crítica a política de intervenção na Primeira Guerra pelo seu antecessor. Somente na década de 1930 uma aproximação entre os dois países foi possível, e, paulatinamente foi se

estabelecendo relações diplomáticas amigáveis, conforme as tensões diminuía com a Grécia. Em 1938 é lançada pelos correios da República da Turquia uma coleção de selos em comemoração a Independência Americana:

Os turcos começaram a produzir selos ainda durante o Império Otomano em 1863, no período do Tanzimat (1839-1876), com a modernização e padronização do sistema postal otomano que tinha por objetivo interligar as diversas partes do império, inclusive com um sistema de tarifas postais representado pelos selos. Estes selos procuravam representar o sentimento de pertencimento ao império e ao sultanato, com representações da capital (Constantinopla) ou com a representação do Sultão Maomé V. Após a proclamação da República Turca os selos continuam a possuir um carácter político e ideológico em suas representações. Segundo Burke (2017):

Uma das soluções comuns para o problema de tornar concreto o abstrato é mostrar indivíduos como encarnações de ideias ou valores. Na tradição ocidental, um conjunto de convenções para representação do governante como heroico, uma espécie de super-homem, foi estabelecida já na Antiguidade Clássica. (2017, p. 103)



**Imagem 1:** Coleção de selos postais turcos de comemoração a Independência Americana impressos em 1938.

**Fonte:** Acervo Filatélico de Matheus Henrique da Silva Alcântara (autor).

Através da análise dos selos é perceptível a tentativa de equiparar a Turquia e os Estados Unidos, apresentando-os como iguais, ao mesmo tempo em que democráticas. Nos primeiros (localizados na parte superior), podemos ver uma mão segurando uma vara na qual está hasteada as bandeiras americana e turca, com uma estrela no topo as iluminando, procurando representar uma associação entre os dois países para o futuro. Nos outros (localizados na diagonal direita da imagem) podemos observar a representação de George Washington e Mustafá Kemal, com o entorno ornado, no fundo com o mapa dos Estados Unidos, estas imagens por sua vez tentam representar as duas nações que embora separadas geograficamente, são estados democráticos, que devem sua independência no caso americano, e libertação, no caso turco, do jugo da dominação estrangeira por dois generais revolucionários: George Washington foi o comandante do Exército Continental que reunia as treze colônias na luta contra a dominação britânica, se envolvendo pessoalmente nos combates, sendo considerado posteriormente um dos “Pais Fundadores” dos Estados Unidos (KARNAL, 2007), enquanto que Mustafá Kemal era um ex-oficial do exército otomano, que havia lutado na Batalha de Galípoli, e, insatisfeito com o governo fantoche de Constantinopla manipulado pelas potências europeias, decide por sua vez formar um novo governo com sede em Ancara, de onde passa a lutar contra as tropas otomanas leais ao imperialismo (FRONKIN; 2008).

Os dois últimos selos (localizados na diagonal esquerda da imagem) estão representados os respectivos presidentes dos Estados Unidos e da Turquia no ano de 1938, Franklin Delano Roosevelt e Ismet İnönü, como iguais, ou seja, chefes de uma nação democrática. Neste período Franklin Roosevelt estava no auge de sua popularidade por empreender um projeto de reforma econômica e política (*New Deal*) para a recuperação dos Estados Unidos após a crise de 1929, que afetou sobre maneira o país:

Em 1933 e 1934, Roosevelt lançou o primeiro *New Deal* – um pacote de reformas para promover a recuperação industrial e agrícola, regular o sistema financeiro e providenciar mais assistência social e obras públicas. O principal órgão público criado pelas reformas, a Administração da Recuperação Nacional (NRA, em inglês), foi desenhado para controlar a economia por meio de uma série de acordos entre empresários, trabalhadores e o governo, estabelecendo limites para os preços, salários e competição. Programas de planejamento regional, obras públicas e subsídios a construção civil tentaram animar a economia enquanto diversos esquemas de previdência e empregos públicos foram implementados para mitigar o desemprego. (KARNAL, 2007, p. 209-210)

Juntamente como o Plano *New Deal* veio também a “Política da Boa Vizinhança”, que passou a gerir a política externa americana, onde “bons vizinhos” deveriam cumprir os acordos estabelecidos e

respeitar os tratados. Esta política externa foi destinada especialmente aos países latino-americanos, mas não impediu que se estendesse até outros continentes como o caso da Turquia.

No caso de Ismet İnönü, o presidente turco enfrentava a difícil tarefa de estruturar a democracia turca internacionalmente (estabilidade interna), além de solucionar problemas de delimitação de fronteiras em conjunto com uma incipiente estrutura militar e falta de investimentos na economia. Para resolver estes problemas, o governo promoveu na política externa turca o princípio de “Paz em casa e Paz no Mundo”, centrada em: a) manter boas relações com URSS; b) estabelecer boas relações com os vizinhos; c) relacionamento amigável com as grandes potências. Isso permitiu a Turquia não participar da II Guerra Mundial (1939-1945). Contudo, não impediu que o governo soviético realizasse pressão pelo domínio do Bósforo, culminando na assinatura do Tratado de Montreux (1936) que permitia a livre utilização do estreito pelos soviéticos (SANTOS, 2013).

No que diz respeito a relação com os Estados Unidos, a Turquia começou a encarar o país como possível aliado contra a expansão soviética ainda nos anos 1930, por isso, tentativas de alinhamento político e econômico são traçadas pelo governo turco para se aproximar dos Estados Unidos, a edição dos selos comemorativos da Independência Americana, representa este projeto político. Que embora não tenha se efetivado nos anos 1930, devido a força do nacionalismo (influência do Islã Político) e da oposição americana, ganhou novos contornos no pós-II Guerra Mundial. A disputa pela hegemonia mundial representada pela disputa dos blocos, capitalista (liderados pelos Estados Unidos) e socialista (capitaneado pela URSS), trouxe a Turquia para o cenário mundial, devido a sua situação geopolítica entre o Oriente e o Ocidente, permitindo uma aproximação dos Estados Unidos para a manutenção de seus interesses tanto no Oriente Médio, quanto na Ásia num contexto geral.

#### **4. CONCLUSÃO**

Portanto, as relações políticas entre a Turquia e os Estados Unidos estão alicerçadas no passado otomano, quando o contato diplomático entre os dois países teve início. A estadia do embaixador Morgenthau durante os conturbados anos de 1913 até 1916 trouxe para os Estados Unidos a visão de um país completamente contrário aos padrões americanos. O retrato ímpar do genocídio armênio, escrito pelo embaixador demonstra como o antigo, e decadente, Império Otomano procurava reavivar a unidade e o sentimento nacional, fundamentalmente islâmico, em detrimento das minorias cristãs. Com a entrada dos americanos ao lado das potências aliadas durante a I Guerra Mundial as relações entre os dois países foram rompidas sendo somente reestabelecidas após a proclamação da República Turca em 1923.

No pós-guerra a atuação americana se contrabalanceou entre críticas e aproximações. As primeiras se deveram principalmente entorno da questão grega, onde a Turquia e a Grécia ainda se digladiavam pela delimitação de suas fronteiras, conflito que perdura até hoje com a ocupação da ilha do Chipre. Em conjunto também com tentativas do governo americano de pressionar os turcos pelo reconhecimento do genocídio armênio, o que produzia atritos e ameaças de rompimento das relações diplomáticas. No que diz respeito às aproximações, os Estados Unidos começaram a perceber a importância da Turquia como um eventual aliado na defesa de seus interesses no Oriente Médio. Isso explica por que a república turca produziu selos comemorativos da Independência dos Estados Unidos, mostrando tanto Franklin D. Roosevelt quanto Ismet İnönü como iguais. A importância da Turquia para a política americana é demonstrada pela estratégia de “contenção” ao comunismo durante a Guerra Fria (1947-1991), na qual o país assumia uma posição chave, e um símbolo dessa aproximação, é o ingresso da Turquia na OTAN em 1952. A Guerra Fria marcou definitivamente um alinhamento de interesses entre os dois países, que perdurou até a Primavera Árabe (18 de dezembro de 2010), quando houve um afastamento entre as partes, e os turcos procuram-se estabelecer como uma potência regional no Oriente Médio.

## REFERÊNCIAS

- BECKER, Jean-Jacques. **O Tratado de Versalhes**/Jean-Jacques Becker; tradução Constancia Egrejas. – São Paulo: Editora Unesp, 2011. 224 p.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem** / Peter Burke; tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. – Bauru-SP: EDUSC, 2004.
- FROMKIN, David. **Paz e guerra no Oriente Médio: a queda do Império Otomano e a criação do Oriente Médio Moderno** / David Fromkin; tradução de Teresa Dias Carneiro. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- KARNAL, Leandro; FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinicius de; PURDY, Sean. **História dos Estados Unidos: das Origens ao Século XXI**, - São Paulo: Contexto, 2007.
- LEWIS, Bernard. **A crise do islã: guerra santa e terror profano** / Bernard Lewis; tradução; Maria Lúcia de Oliveira. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MORGENTHAU, Henry (1856-1946). **A história do embaixador Morgenthau: o depoimento pessoal sobre um dos maiores genocídios do século XX** / Henry Morgenthau; tradução Marcello Lino. – São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- PALMER, Alan. **Declínio e queda do Império Otomano** / Alan Palmer; tradução Gleuber Vieira. – São Paulo: Globo, 2013.

SANTOS, Waldeir Eustáquio dos. **A geopolítica da guerra-fria**: a relação entre Turquia e Estados Unidos na estratégia de contenção / Waldeir Eustáquio dos Santos. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2013. Disponível:< [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/R-elInternac\\_SantosWE\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/R-elInternac_SantosWE_1.pdf) >. Acesso: 04/05/2019.

ACERVO: Acervo Filatélico de Matheus Henrique da Silva Alcântara (autor).